



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**EMILLYN GUIMARÃES CAVALCANTI**

**A INAUTENTICIDADE COMO FATOR DE RISCO PARA O  
SUICÍDIO NA INFÂNCIA**

**CAMPINA GRANDE, PB  
2017**

**EMILLYN GUIMARÃES CAVALCANTI**

**A INAUTENTICIDADE COMO FATOR DE RISCO PARA O  
SUICÍDIO NA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Psicologia.  
Área de concentração: Saúde.

Orientador: Prof. Me. Lorena Bandeira Melo de Sá.

**CAMPINA GRANDE, PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376i Cavalcanti, Emillyn Guimarães.

A inautenticidade como fator de risco para o suicídio na infância [manuscrito] : / Emillyn Guimaraes Cavalcanti. - 2017.  
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Lorena Bandeira Melo de Sá, Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Suicídio. 2. Infância. 3. Dimensão noética. 4. Inautenticidade.

21. ed. CDD 362.28

EMILLYN GUIMARÃES CAVALCANTI

A INAUTENTICIDADE COMO FATOR DE RISCO PARA O SUICÍDIO NA INFÂNCIA

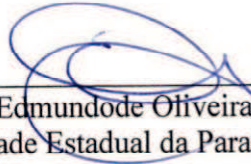
Artigo apresentado na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Área de concentração: Saúde.

Aprovada em: 11/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Lorena Bandeira Melo de Sá  
Prof. Me. Lorena Bandeira Melo de Sá (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Márcia Candelária da Rocha  
Prof. Me. Márcia Candelária da Rocha  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, minha mãe e meus avós maternos, pela  
confiança, dedicação e amparo, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Chega-se ao fim mais um ciclo e pensar nele é relembrar toda a jornada até então como também as pessoas que se fizeram presente de maneira direta ou indiretamente, e que de alguma forma ajudaram para que eu seguisse a psicologia como uma profissão que me enche de sentido. O caminho até então não foi fácil, mas ninguém disse que seria, no entanto, tive muito apoio de pessoas que se fizeram presentes de uma forma linda e especial em minha vida e a estes só tenho a deixar a minha gratidão, sem vocês nada disso teria sentido.

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me ajudado até aqui, todo o meu percurso acadêmico foi de muita dedicação e bênçãos. Foi preciso fé para acreditar que as coisas sempre iriam dar certo e a certeza no Senhor de que o caminho seria difícil, mas valeria a pena, foi o que me trouxe até aqui, me formando em um curso que me realiza enquanto ser humano. Só gratidão a Deus nosso Senhor pelas vitórias até então a mim ofertadas. Hoje posso dizer que sim, valeu a pena e ter fé que valeria foi o que me manteve firme para seguir em busca do meu sonho.

Aos meus queridos professores que com zelo e amor nos ensinaram a prática da psicologia, sou feliz de ter passado por esse processo tendo vocês como meus mestres, em especial agradeço a Andréa, Dellane, Edmundo, Gilvan, Lorena, Márcia, Roniere e Wilmar, minha gratidão eterna pelo aprendizado e dedicação, vocês são incríveis e me ensinaram muito, posso dizer que os levarei como exemplo de profissionalismo. Tenho honra de poder me espelhar em vocês dentro dessa profissão tão bela, e o desejo de poder ser uma profissional tão boa quanto vocês, meus mestres.

Gratidão a minha orientadora Lorena pela jornada que trilhamos, foram muitos aprendizados e eu hoje levo você muito mais do que como minha professora e orientadora, és uma amiga. Vê a tua dedicação e humildade me faz querer sempre seguir a psicologia e a logoterapia. Obrigada por me apresentar o sentido na vida e por compartilhar comigo muitas experiências que só mostram o quanto vivenciar a logoterapia é lindo, pois a troca de experiência e a abertura para o mundo me permitiram encontrar a sua amizade nessa jornada e sou muito feliz por isso. Gratidão minha amiga, pelos ensinamentos academicamente e na vida, por compartilhar comigo choros e alegrias e por me permitir compartilhar tudo isso com você ti desejo o mundo. E que a nossa amizade prevaleça por anos e anos. A todos vocês e as pessoas incríveis que fazem partes de suas vidas e que de alguma forma também fizeram parte da minha, obrigada.

Agradeço aos meus colegas de turma pela jornada compartilhada e apoio mútuo. A caminhada foi longa, mas aqui estamos nós, conseguimos! Durante meu percurso universitário pude fazer amigos, e estes sei que poderia levar comigo a vocês: Gilelean, Jônatas, Katiuscia, Paloma, Pedro, Raisa, René, Sâmela, Socorro, Talita, Urssula, Vilma, meu muito obrigada pela amizade e cumplicidade, espero poder leva-los para a vida. Vocês que compartilharam comigo alegria, mas também os estresses, as tristezas, ansiedades, insônias, enfim estivermos juntos em vários contextos não só referente ao curso, mas também na vida. A universidade também me proporcionou continuar a amizade com minha pequena, Joyce Souza, sabemos que sim, foi dá escola para vida, gratidão por tudo minha amiga.

Aos funcionários do departamento de psicologia da UEPB pela paciência e dedicação, meu muito obrigada Robson, Andreza, Fábio, Paschoal, Inalda, Katarina e tantos outros que se fizeram presente nessa jornada, e que com carinho e dedicação tornaram tudo mais fácil. Vocês que estiveram de uma forma tão única auxiliando em detalhes que os fizeram tão especiais em minha jornada, sou feliz de tê-los conhecidos e grata por tudo.

Um agradecimento especial a Nick Costa pela força que me deu nesses últimos meses para que eu conseguisse seguir com o trabalho e o final de curso, obrigada por acreditar em mim e me aguentar na sensibilidade e estresse do fim deste ciclo, você foi essencial para que eu conseguisse seguir, me ajudando a organizar horários de estudos e a estabelecer prioridades, foi necessária essa organização para que eu conseguisse seguir com meu foco e objetivo de vida. Muito obrigada!

Por fim, meu agradecimento mais que especial, as pessoas que tornaram meu sonho possível, a minha família como um todo pelo esforço e apoio que eu tive, não foi fácil, vivenciamos muitos momentos dos quais não sabíamos se seria possível pagar a escola no próximo mês, mas até aqui nos ajudou o Senhor. Particularmente agradeço a minha mãe por todo o apoio e esforço, por me ouvir chorar e me dar o colo que só ela poderia me dar e o conselho amigo para seguir, pois a vitória seria minha, gratidão “mainha”, eu te amo mais que tudo. Agradeço meus avós maternos pelo esforço em pagar meus estudos e a crença e apoio como um tudo. A meu irmão pela paciência e as noites de filmes (risos) quando eu estava estressada e não conseguia mais raciocinar, meu muito obrigada, o próximo será você e eu estarei aqui para o que for preciso.

Uma nova etapa se inicia com o trabalho na área que vem me enriquecendo a cada dia de aprendizado e um encontro de sentido, sou grata a Deus por estar empregada e fazer o que eu amo, ajudar as pessoas. Que a finalização do curso abra mais portas e que eu tenha humildade e sabedoria para exercer a minha profissão da melhor forma possível. É chegada,

então, uma nova etapa de minha vida e a partir de então sigo rumo a uma nova etapa lembrando sempre dos meus, pessoas mais que especiais, que se fizeram presentes em minha vida, desejo levá-los comigo, de alguma forma, para as novas etapas que virão. Que eu consiga trilhar o caminho da melhor forma e que para tanto se faça a presente Deus e Nossa Senhora em minha vida, que eu nunca perca minha fé bonita na vida e na beleza da realização dos sonhos.

À vocês, que fizeram parte dessa jornada de uma forma tão linda, dedico essa conquista.

Gratidão,

Emillyn Guimarães Cavalcanti.



“Dizer sim à vida, apesar de tudo”. (Viktor E. Frankl)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
INFÂNCIA E MORTE.....	10
Concepção Contemporânea da Infância .....	10
A Criança Diante da Morte.....	12
INAUTENTICIDADE.....	14
O Ser Autêntico e Inautêntico .....	14
Restrições Noéticas.....	15
Inautenticidade na Infância.....	17
COMPORTAMENTO SUICIDA INFANTIL .....	19
Vazio Existencial.....	19
Suicídio na Infância .....	20
PREVENÇÃO .....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	22
REFERÊNCIAS .....	24

## A INAUTENTICIDADE COMO FATOR DE RISCO PARA O SUICÍDIO NA INFÂNCIA

Emillyn Guimarães Cavalcanti\*

### RESUMO

A morte é uma temática de difícil compreensão, sendo considerada um tabu na sociedade atual, causador de medos e ansiedades. No contexto infantil, a criança por ser uma pessoa vulnerável vai entender a morte a partir de fantasias, pois esta adquire sua visão de acordo com a percepção do outro. Por ter mais determinantes a criança torna-se mais vulnerável para ser uma pessoa inautêntica e em situações limites esta pode utilizar o suicídio, como uma estratégia de enfrentamento incorreta, esta atitude é tida como uma expressão inautêntica no que diz respeito à pessoa e sua dimensão noética. Assim, este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho propositivo que teve como objetivo refletir e discutir uma proposta de intervenção para o suicídio na infância, tendo a inautenticidade como fator de risco para o cometimento de tal ato. Percebeu-se ao final desta que a inautenticidade pode, através de determinantes, levar a criança ao suicídio, como uma forma errônea de enfrentamento da situação que é tida, para estas, como limite, não sabendo lidar e, assim, agindo de forma inautêntica com relação a sua pessoa. Diante dessas considerações é imprescindível a necessidade de trabalhos, de cunho psicológicos, para estas crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade social com o intuito de prevenir o suicídio.

**Palavras-Chave:** Suicídio; Infância; Dimensão noética; Inautenticidade.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho consta inicialmente com uma visão do que é a infância e como ela é vista na sociedade atual para, então, entender como a criança percebe a morte e como isso é passada para a mesma na contemporaneidade, a partir do momento que entende a morte a criança questionar a sua própria vida e em situações limites até chegar a tirá-la. A criança é entendida como um ser vulnerável pela sua dependência com o outro, nesse contexto, a inautenticidade vem sendo apresentada como um fator de risco para o suicídio na infância, as atitudes inautênticas são percebidas em um contexto de vazio existencial, através da situação que a criança se encontra.

---

\* Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: emillyn.cg@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo refletir e discutir uma proposta de intervenção para o suicídio na infância, tendo a inautenticidade como fator de risco para o cometimento de tal ato.

Justifica-se a escolha do tema pela escassez de pesquisas e matérias sobre e também pela emergência do assunto, mas ainda havendo uma falta de discussão o assunto é visto como um tabu para a sociedade atual e trazer essa temática para infância para impensável, mas que precisa de atenção, justamente pelo fato de as pessoas não saberem lidar com a temática principalmente atribuindo esta as crianças.

O método utilizado foi uma revisão de literatura de cunho descritivo e propositivo, pois foi feita uma exploração sobre o tema e com base nas pesquisas realizado uma proposta de trabalho para crianças que apresentam atitudes inautênticas com o intuito de prevenir maiores danos e fazer - lá tomar consciência de seu ser noético, sua pessoa.

A base epistemológica do trabalho é a Logoterapia, Peter (2005) vai dizer que esta abordagem propõe combater o reducionismo do homem aos aspectos biopsicossocial, pensando o homem em sua pluralidade de dimensões e entendendo que este é em essência espiritual.

Com base na logoterapia e trazendo desta a visão de inautenticidade, procura-se neste trabalho entender como a inautenticidade pode afetar a infância, de tal forma, levando a situações limites, como o suicídio.

## **INFÂNCIA E MORTE**

### **Concepção Contemporânea da Infância**

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 2º, considera a pessoa de até doze anos de idade incompletos, para todos os efeitos da lei, como criança (BRASIL, 2012). Segundo o dicionário Aurélio, a infância é compreendida como um “período de crescimento do ser humano, que vai do nascimento até a puberdade”. Ainda no mesmo dicionário, a criança é definida como um “ser humano de pouca idade” (FERREIRA, 2004 apud LINS et al, 2014, p. 127).

Como afirma Caldas (2015) a compreensão de infância nos dias atuais se difere totalmente do passado, a visão que se tem de infância é uma construção histórica. É perceptível que uma delimitação da idade cronológica para definir a criança, não é suficiente

para contextualizar essa etapa tão importante da fase humana, portanto, faz-se necessário considerar o contexto sócio histórico em que a mesma se encontra para, então, ter uma concepção mais abrangente.

De acordo com Sánchez (2014), as situações sociais de riscos, vulnerabilidade, os meios de comunicação, as tendências educativas, trazem consigo um aspecto de construção em mudança. A infância é, portanto, uma fase de desenvolvimento em constante mudança relacionada diretamente com o meio que esta se encontra inserida.

Entendendo a infância como uma construção cultural e histórica é que se faz necessário conhecer a percepção atual dessa fase do desenvolvimento, podendo, então, serem feitas colocações a respeito da criança e outras temáticas contemporâneas como a morte para as mesmas e o suicídio. A reflexão atual sobre a infância permite uma compreensão maior dessa etapa e conseqüentemente uma melhor forma de lidar com a criança da atualidade.

Silveira (2000 apud Lins et al., 2012), destaca o fato de que a sociedade está sempre em movimento, a vivência da infância é transformada a partir do contexto histórico, pensando-a, assim, articulada com outros domínios como a escola e a família.

É perceptível que todos os campos em que a criança está inserida trazem consigo a relação direta com o/um adulto, de acordo com Sierra e Mesquita (2006, p. 150) “[...] as crianças e os adolescentes precisam da relação com os adultos para crescer e isso os torna vulneráveis”.

A vulnerabilidade está interligada a ideia de fragilidade e dependência, no entanto, os fatores de risco dentro dessa realidade não se restringem apenas a exclusão social, abrangendo também o relacionamento entre crianças e adultos, o convívio social também pode ameaçar seu bem-estar, associando, assim, a forma de socialização desse público-alvo e os seus direitos (SIERRA; MESQUITA, 2006).

Atualmente o contexto social, fez com que a criança pudesse ser compreendida como um ser de direitos. Neste contexto, Caldas (2015) afirma que as crianças são vistas como seres particulares, que se diferem dos adultos, sendo reconhecidos como sujeitos de direitos.

Quando não têm seus direitos atendidos ou se deparam em situações em que não conseguem se realizar enquanto crianças, entende-se como uma situação de vulnerabilidade. A infância nesse contexto necessita de uma maior atenção e amparo para que não haja maiores conseqüências.

## **A Criança Diante da Morte**

A temática da morte, ainda, é considerada um tabu na sociedade atual, causador de medos e ansiedades. Como afirmam Sengik e Ramos (2013), a palavra ‘morte’ traz consigo fantasias que é acarretada de muitos significados, levando os adultos a evitar falar sobre o tema na presença de uma criança, tornando-se, portanto, uma palavra proibida que só em mencioná-la daria origem a uma discussão da qual não estariam preparados para lidar.

Essa não-preparação do adulto para falar sobre a morte está intrinsecamente ligada a cultura em que o mesmo se encontra, e determinado feito acaba por ser entendido como uma reprodução. Este adulto não tem esclarecimento sobre a morte na infância, fato esse que o faz desenvolver sobre o tema um mistério do qual não sabe lidar, fazendo-o repassar esse sentimento para as gerações posteriores.

Segundo Kovács (2002, p. 49) “Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar”. Ao sentir a perda de uma pessoa significativa, a criança precisa de um espaço de vivenciar sua dor (SEGINK; RAMOS, 2013)

As questões a respeito da origem da vida e da morte estão presentes na criança, quando a mesma consegue diferenciar estes dois aspectos de forma consciente, se tornando curiosa e em busca de resposta a respeito do tema. A criança tem uma profunda capacidade de observação e entra em conflito quando não é comunicada sobre as perdas/mortes na família ou quando essa perda não é bem trabalhada, o processo do luto acaba se tornando mais dolorido, ocultar a verdade perturba esse processo e também torna conflituosa a relação da criança com o adulto, as crianças que tem maior contato com a morte conseguem formar uma elaboração melhor do seu conceito.

Há uma relação entre a morte e o nível de desenvolvimento cognitivo da criança, pode-se, então, entender a importância do desenvolvimento cognitivo para compreensão da morte fazendo-se, portanto, necessário uma adequação da ‘morte’, falar sobre o tema de acordo com o entendimento e faixa etária da criança (HOHENDORFF; MELO, 2009).

Pesquisas referentes à forma como as crianças representam ou percebem a morte, ainda, são de natureza inicial. Segundo Sengik e Ramos (2013) as pesquisas existentes são focadas, especificamente, em crianças que já vivenciaram alguma perda recente, principalmente dentro do âmbito familiar, ou crianças em situação terminal. Isso deixa claro, não apenas uma resistência da atuação acadêmica nesse campo de pesquisa, como também

uma ideia de que a discussão sobre a morte não deve ser algo natural, durante seu desenvolvimento, mas apenas discutido quando a criança vivencia uma situação de perda ou iminência da morte.

Falar sobre a morte abertamente para a criança requer respeitar os limites de seu entendimento, de acordo com o seu desenvolvimento pode-se criar estratégias para se falar do tema de uma forma natural e livre de mistérios, para que quando a tenha que lidar com a perda de um ente querido não seja uma situação traumática, velada de mistérios e confusões.

Sengik e Ramos (2013) colocam como a conduta familiar pode ser confusa para criança, tornando-a sem esperança e frustrada quando lhes dizem algo diferente do que percebe a sua volta. É importante conversar com a criança, de acordo com seu processo de entendimento, mas não deixando dúvidas e nem mentiras por medo de não saberem como as mesmas passaram pelo processo, o ideal é as informações sempre condigam com a verdade, pois qualquer outra coisa pode tornar o processo do luto muito mais doloroso e gerar complicações futuras.

Com intuito de entender as concepções de vida e morte das crianças foi realizada uma pesquisa de iniciação científica no período 2016/2017 na Universidade Estadual da Paraíba, intitulada de *Concepções de sentido de vida e de morte em crianças em idade escolar do município de Campina Grande/PB*, sob a orientação da professora Me. Lorena Bandeira Melo de Sá, que teve como amostra cerca de dez crianças com idades entre nove e onze anos, localizadas em uma escola municipal.

Foram feitas perguntas as crianças com o intuito de identificar as concepções e representações da morte e suas implicações sobre o sentido de vida, para tal foram utilizados alguns métodos dentre eles uma entrevista semiestruturada. Dentre às perguntas realizadas uma teve total relevância para o presente trabalho, as crianças foram questionadas sobre “o que é a morte?”, das respostas a este questionamento foi possível ressaltar duas ideias centrais: “Algo ruim” e “Noção de irreversibilidade da morte”, ambas obtiveram maior frequência (40%).

Confirmando o que foi dito anteriormente algumas crianças percebem a morte como “algo ruim”, ligando o fato a eventos negativos o que lhes demonstram certo entendimento do que acontecera, a associação a um aspecto negativo se encontra diretamente ligada a cultura em que a criança se encontra inserida. A “irreversibilidade da morte”, também percebida nos discursos, demonstra o entendimento de finitude que a criança tem sobre a morte.

Foi perceptível na pesquisa que as crianças apresentaram entendimento sobre a morte falando desse aspecto sem perturbação, discorrendo sobre o tema em seus mínimos detalhes.

O estudo confirma o que autores aqui mencionados já afirmaram, de que o entendimento da morte tem a ver com o desenvolvimento e faixa etária da criança e que a partir dos nove anos, a criança já consegue entender a morte em sua irreversibilidade.

O que é possível compreender a partir do momento que entende a morte, a criança pode também questionar sobre sua própria vida. De acordo com Vendruscolo (2005) a partir dos nove anos as crianças já relacionam a morte com a cessão das atividades corpóreas e já compreende que ela também pode morrer.

A criança entende a sua própria morte a partir do momento que lhe é clarificado tal conceito, portanto faz-se necessário conversar abertamente sobre o assunto, sem tabus, a compreensão da morte pode evitar situações traumáticas para a criança e também evitar que a mesma atente contra a própria vida sem entender o que pode vir a acontecer.

## **INAUTENTICIDADE**

### **O Ser Autêntico e Inautêntico**

Para que seja possível entender o sujeito em sua completude, entendendo o seu ser noético que vai além do biopsicossocial, se faz necessário distinguir pessoa de personalidade. Segundo Frankl (1994 apud Ortiz, 2011), a pessoa humana é a dimensão do homem que se comporta livremente, independentemente da situação, podendo se opor em situações tanto externas quanto internas.

A pessoa é dinâmica e se expressa no organismo psicofísico do sujeito através da personalidade que é estática, segundo Ortiz (2011) a personalidade é um reflexo da pessoa e se organiza no psicofísico a partir do caráter e do temperamento que vão se tornando estáticos, portanto, entende-se que a pessoa possui um caráter e um comportamento, mas pode opor-se a eles, apesar de estáticos, demonstrando seu dinamismo.

Para entender melhor a organização psicofísica dessa expressão Ortiz (2011) afirma que pode-se entender o temperamento como um conjunto influências biológicas, que vão aparecer ao longo da vida da pessoa, através da personalidade. O caráter, no entanto, é mais social, se formando na interação com o mundo, seria, portanto, uma conformação com as normas sociais.

Compreende-se, portanto, que na dimensão espiritual encontra-se a pessoa e está possui uma organização psicofísica através do temperamento e caráter do sujeito, ambos



constituem a personalidade que é onde a pessoa se pode se expressar livremente. No entanto, essa forma de se expressar da personalidade pode ser autêntica ou inautêntica, a personalidade autêntica é aquela que corresponde ao que o espiritual ou a pessoa em essência representa, enquanto que a personalidade inautêntica ocorre quando a pessoa está intacta, mas incansável e as expressões do sujeito se tornam sem sentido.

Os conceitos de autenticidade e inautenticidade foram apresentados inicialmente por Heidegger em 1995, para a filosofia esses conceitos estão diretamente ligados as condições de possibilidades do sujeito, associando diretamente ao meio, considerando, portanto, vítima aquele que não é capaz de se realizar diante das possibilidades, se deixando levar pelos outros.

A visão da logoterapia traz uma adaptação do conceito filosófico, segundo Ortiz (2011, p. 32), “[...] a autenticidade faz referência a permeabilidade, a abertura, a capacitação e a auto-atualização, considerando a personalidade inautêntica como uma personalidade restringida”.

A personalidade autêntica permite a expressão do noético no ser humano, a expressão de forma autêntica permite que o sujeito se distancie de si mesmo e, então, possa transcender para o mundo. Seria, nesse sentido a expressão do saudável o homem como pessoa em sua completude levando-o a realização pessoal.

No que diz respeito a personalidade inautêntica como afirmado mais acima apresenta-se como rígida, seria, portanto, a pessoa tentando se expressar em um plano psicofísico rígido, fazendo com que a pessoa não consiga se expressar em sua completude. Isso vai ocasionar um egocentrismo onde o sujeito não vai conseguir enxergar o outro e nem possibilidades para si.

Ainda como diz Ortiz (2011) o pensamento inautêntico se caracteriza pela defesa constante, basicamente entende-se como uma desconexão com o emocional e por assim dizer com o sentido da vida. A inautenticidade está diretamente ligada a não decisão do indivíduo desde de seu íntimo.

Para que se entenda se um indivíduo é autêntico ou inautêntico com sua pessoa, precisa ver como se encontra a sua tomada de decisões, sua atitude diante da vida. A tomada de decisão desde o íntimo do ser é que torna esse ser autêntico com sua pessoa, quando o homem não decide frente as situações que lhes são impostas entende-se, como uma atitude inautêntica.

### **Restrições Noéticas**

O noético é entendido como a dimensão dos fenômenos especificamente humanos, encontra-se nesta os valores, a ética, a liberdade e também os atos intencionais da pessoa. Esta é, portanto, a dimensão que diferencia os homens dos animais (AQUINO, 2015).

As restrições noéticas são entendidas como a restrição da pessoa, fator diretamente ligado a forma de expressão da pessoa gerando assim atitudes inautênticas no sujeito, Ortiz (2011, p. 37) afirma que “a restrição da pessoa é um processo de configuração vivencial onde a total estruturação do ser no mundo tem se modificado”. Entende-se que essas experiências de significado pessoal tornam uma personalidade rígida e impermeável para a expressão da pessoa.

Essa restrição noética causa no sujeito impossibilidades de autodistanciar-se e se autotranscender, Ortiz (2012) vai definir o primeiro como a capacidade do ser humano de se distanciar-se de si mesmo e da situação, enquanto o segundo conceito seria a capacidade de consciência para se direcionar a algo ou alguém, uma abertura.

Quando a pessoa não consegue se expressar de forma plena diante das situações e o ser perante si mesmo, como dito acima, entende-se que a expressão está sendo inautêntica e essa pode ser entendidas através de atitudes que o sujeito toma que não condizem com sua pessoa, conhecidas como atitudes inautênticas, estas se apresentam de três formas de acordo com a logoterapia que seriam: o conformismo, o totalitarismo e o fatalismo.

Segundo Frankl (2005) o homem atual, talvez não saiba mais o que fazer levando-o ao conformismo, fazendo o que os outros fazem, ou totalitarismo fazendo o que os outros querem que seja feito.

O homem contemporâneo encontra-se emergido em uma sociedade opressora de acordo com Xausa (1986, apud AQUINO, 2010) esse homem vive numa sociedade massificante, dominante, alienante, e que essas características oprimem o ser afetando sua orientação ao sentido, isso pode acontecer de um modo individual ou grupal.

Para AQUINO (2010, p. 36) “o homem do século XXI passa a imitar o próximo, não mais seguindo suas vontades”, entende-se, então, que este homem não condiz com sua pessoa e suas atitudes e formas de se expressar no mundo são inautênticas.

Outra forma de apresentar a inautenticidade é através do fatalismo, mais uma atitude que se enquadra nesse contexto, segundo Frankl (1990) a atitude fatalista está intimamente ligada a fuga e repulsa de responsabilidade é a crença do homem de que algo ou alguém está agindo para tornar a situação da forma como está, se isentando, assim, da tomada de atitude.

As situações impostas ao homem atual os deixam a mercê de decisões de outrem, o que se entende é que é “melhor” deixar que respondam por si ou justificar o que lhe acontece

colocando a responsabilidade em variáveis distintas, assim, seria mais fácil lidar com as situações pois não seria responsável por elas.

De acordo com Xausa (2011), há três caminhos fundamentais para o encontro de sentido: quando o sujeito experimenta que é capaz de dar algo ao mundo, realiza valores de criação; quando descobre que além de dar pode receber algo, vive valores de experiência; e por fim quando é forçado pelas circunstâncias a limitações de ordem biológica, sociológica ou psicológica e está impossibilitado de realizar os valores acima, resta-lhe assumir uma atitude frente a situação, neste caso tem-se os valores de atitude.

A inautenticidade no homem não age segundo sua categoria de valores, ou seja, as atitudes não correspondem ao que a pessoa é, em essência. Dificultando assim o encontro de sentido. A visão da logoterapia tem como princípio a liberdade da vontade entende-se, segundo Frankl (2011) que esta se opõe ao determinismo que se encontra intimamente ligado aos atuais saberes do homem, mesmo que sendo entendida como a vontade de um ser finito, entende-se que o homem não é livre de situações imprevisíveis e que possam fugir de seu controle, mas é livre para tomar uma atitude diante destas.

### **Inautenticidade na Infância**

Sánchez (2014) vai afirmar que a criança possui mais determinantes que o adulto, pela sua relação de dependência, essa determinação vem dos pais, familiares, cuidadores, professores e também pela própria cultura.

A fase de desenvolvimento da infância é onde ocorre a estruturação de sua personalidade, por isso o meio e esses determinantes podem afetar diretamente a forma como a criança irá se expressar diante do mundo. Criança é vulnerável nessa relação de dependência com o outrem e este quem poderá afetar diretamente a saúde psicofísica da mesma.

Se faz necessário também um processo de maturação noética, Sánchez (2014) vai afirmar que o espiritual exige um processo de autoconhecimento este irá abrir as possibilidades de se perceber a realidade de uma forma diferente. Este processo acontece de forma integrada com o psicofísico juntamente com as relações interpessoais e as circunstâncias e experiências da vida de cada ser, particularmente.

Na estruturação da personalidade a criança vai iniciando seu processo de individuação, se diferenciando assim de sua mãe. A criança aos poucos vai tomando consciência do mundo de forma psicológica, reflexiva e espiritual, entendendo, assim, quem é e onde pode chegar (SÁNCHEZ, 2014).

Entende-se diante do exposto, que a criança se encontra nesse processo de maturação noética e que determinadas situações podem lhe atingir de uma forma devastadora, quando não bem trabalhada. Por isso a importância de entender o contexto onde essa criança está inserida para entender sua forma de agir no mundo.

Angerami (2012) vai trazer alguns aspectos da convivência da criança com o meio e com este pode afetá-la, como a violência doméstica, incluindo nesta a negligência precoce e casos de abuso sexual, de acordo com o Ministério da Saúde esse tipo de agressão consiste como principal causa morte de jovens entre 5 e 19 anos, além de poder trazer sequelas imensuráveis para as vítimas que sobrevivem; outro aspecto é o *bullying* e o *cyberbullying*, que ultrapassa as barreiras da escola, seria pois um preconceito que já vem preestabelecido socialmente e que gera uma depreciação do sujeito tornando-o submissos diante de seus agressores, o desespero infantil muitas vezes está intimamente ligado com essa situação; A desestruturação familiar ou desagregação da mesma pode gerar na criança um sentimento de solidão levando ao extremo o desespero.

Outra realidade é a associação de amor com a resposta positiva as vontades dos pais, segundo Kastenbaum e Aisenberg (1983), a criança é incentivada a ajustar-se, a ser a melhor na escola, a liderar, ser popular e elas associam o amor dos pais, que deveria ser inato, a esse sucesso social e acadêmico.

Nesse processo a criança vai tornando-se adulto cada vez mais rápido, com pressões sociais a estimulando por toda a parte e a crença de que o amor é advindo de sua realização diante dessas estimulações, o que por vezes não é sadio tirando da criança seu direito de brincar, conhecer o mundo ao seu modo e de ser criança.

A atualidade traz consigo uma aceleração desenfreada, a criança assume nessa sociedade um papel maior do que poderia ser lhe dado, apesar de mais visibilidade, a falta de tempo dos pais e a busca por filhos perfeitos os fazem exigir demais de seus filhos ao mesmo tempo que não lhes é dada a atenção necessária, as crianças ficam à mercê do mundo e prontas aprender com ele, sem uma base educativo-emocional situações no geral podem tornar-se fatores de risco para a ideação suicida e até mesmo para o ato propriamente dito.

A criança em situação de vulnerabilidade, simplesmente pelo fato de depender do outro se torna uma vítima deste e isso pode, portanto, gerar atitudes inautênticas, por não ter seu processo de maturação completo e assim, por vezes, não ser possível a expressão plena da pessoa, está se encontra a mercê da situação o que pode gerar nela atitudes errôneas ou também a apatia e falta de atitude frente as situações deixando apenas se levar pelas mesmas.

Esse tipo de situação irá comprometer diretamente o desenvolvimento psicofísico na infância podendo gerar maiores sequelas para o seu futuro ou até mesmo durante a infância, onde a criança, ainda, não sabe lidar com o que possa estar acontecendo, essa incerteza pode levá-la a tomadas de decisões trágicas.

## **COMPORTAMENTO SUICIDA INFANTIL**

### **Vazio Existencial**

O vazio existencial para Frankl (2011) se caracteriza como o sentimento de falta de sentido. O homem depara-se, atualmente, sem direcionamento, com relação a um instinto, com relação ao que deve fazer, também não há tradições e valores que o orientem, o homem da atualidade mal sabe o que deseja fazer, deixando-se levar por um conformismo ou totalitarismo, sem perspectivas o homem atual se deixa levar pelas situações sem se posicionar diante das mesmas, seria, portanto, o seu espiritual encoberto, deixando-o sem acesso ao seu aspecto saudável.

A criança pode apresentar algumas restrições noéticas, fixando nela o sentimento de falta de sentido, Ortiz (2012) afirma que os recursos noéticos são essenciais e que constituem o ser humano enquanto pessoa.

Nas crianças encontra-se, ainda, restrito o autodistanciamento e autoconhecimento, durante a infância esses recursos são construídos, mas dependendo da situação pode ser que essas crianças não consigam se distanciar daquilo que estão vivenciando e não tem uma compreensão consciente de si, quanto a diferenciação é claro que nesses casos a imagem do outro e do eu é distorcida e a criança em situação de vazio existencial, não tem essa percepção podendo entrar em um conformismo ou totalitarismo, deixando de lado sua singularidade e agindo conforme o que os outros fazem ou dizem para que ela faça.

Para a criança o processo de vazio existencial vai depender do contexto onde a mesma está inserida, com o trabalho terapêutico a mesma pode se posicionar diante de situações limites, no entanto, como sua consciência está em processo de construção, sem este a criança pode adentrar em um vácuo existencial, apresentando atitudes inautênticas e podendo utilizar-se de estratégias de enfrentamento errôneas.

A frustração da vontade de sentido é o que leva a sensação de falta de sentido ou vazio existencial, essa frustração é feita pela sociedade, esta em seu processo de crescimento perde-

se, alienando as pessoas e suas tradições e valores (FRANKL, 2015). Em situações adversas a criança pode ter sua infância e seu direito de ser criança frustrados gerando na mesma uma sensação de vácuo existencial.

### **Suicídio na Infância**

Para Fensterseifer e Werlang (2003) o suicídio é caracterizado como todo ato de causar danos letais contra a própria vida. Os mesmos autores acrescentam que quase 50% dos incidentes envolvendo crianças são na verdade tentativas de suicídio, com esse fato, deve-se atentar para aquelas crianças que se machucam com frequência, saber como elas estão e qual ambiente em que elas se encontram a situação familiar entre outras informações para conhecer a realidade dessas crianças.

Nesse sentido o suicídio é entendido como uma estratégia de enfrentamento incorreta o sujeito se submete a tal atitude crendo que aquele seria o único meio de aliviar a dor ou fugir da situação, na infância isso pode ser mais evidenciado por acreditar que a pouca experiência de vida pode levar a criança a crer que aquela atitude pode ser a mais acertada no momento.

Acredita-se que a criança sabe que um ato suicida intencional pode resultar em morte, entendendo que esta é definitiva e permanente (MISHARA, 1999 apud FENSTERSEIFER; WERLANG, 2003). Essa crença pode ser constatada a partir do momento que a criança entende a morte e a sua irreversibilidade

Esse pensamento apresentado está diretamente ligado ao desenvolvimento cognitivo da criança e também em como os pais tem passado as informações para a mesma sem consciência de que a morte é o fim, ela pode cometer o ato numa tentativa de alívio, mas ainda na esperança de um retorno, ou de ficar com um ente querido que faleceu.

Nas crianças e adolescentes, o comportamento suicida envolve pensamentos sobre provocar, de propósito, danos ou a morte a partir da ideação suicida e atos que estão ligados a tentativa de suicídio e morte propriamente dita (PFEFFER, 1996 apud KUCZYNSKI, 2014). Entende-se, portanto, que a criança tem um conceito diferente do adulto com relação ao suicídio, mas que continua sendo um atentado fatal contra a própria vida quando praticado o ato. A consciência sobre a morte se consolida por volta dos 9 anos, então as crianças menores não têm noção do ato de forma totalmente consciente, o praticam para diminuir a dor psíquica, o desenvolvimento incompleto as tornam, portanto, mais vulneráveis.

Esse desenvolvimento incompleto, como dito anteriormente, pode fazer com que as crianças se expressem de forma inautêntica com relação a sua pessoa, podendo gerar atitudes inautênticas, caracterizando uma sensação de vazio existencial, tendo como possibilidade o suicídio.

Shaffer & Fischer (1981 apud Kuczynski, 2014) afirmam que crianças e adolescentes que tentam o suicídio apresentam histórico de tentativas anteriores, podendo tornar-se parte de grupo de maior risco, o de suicídio bem-sucedido, posteriormente. O importante é se manter sempre alerta com essa etapa na vida, e aos sinais que são deixados pois a ideação é o que leva ao ato e a desatenção pode ser um fator de risco para que a criança venha a cometer um suicídio acarretando em sua morte.

A inautenticidade é considerada um fator de risco para o suicídio na infância por envolver aspectos de vulnerabilidade na vida do sujeito e a forma como este lida com estas situações, que pode gerar as mais catastróficas reações, enfim como o suicídio.

É importante ressaltar que a criança é um ser que precisa ser ouvido, necessita de atenção, e não lhes dar isso ou negar informações de ordem significativa, como a morte, pode ser ruim para seu desenvolvimento cognitivo e espiritual, deixando-a assim vulnerável a situações de ideações e ações suicidas.

## **PREVENÇÃO**

O processo psicoterapêutico na infância tem por diretrizes fazer consciente o inconsciente espiritual nesta fase, revelando, assim, a pessoa. Facilitando o processo de autoconsciência da criança, entendendo que para que esse processo ocorra se faz necessária a presença da família (MARTÍNEZ, 2014). A prevenção no caso da inautenticidade como um fator de risco para o suicídio na infância pode se dar a partir desse processo que se torna de grande importância para uma expressão sadia da criança diante de situações limites.

Para as crianças em situação de vulnerabilidade ou para preveni - lá de se encontrar em tal ponto, tem-se a presença de políticas públicas que auxiliam nesse processo. O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) está vinculado à área da proteção social de baixa e média complexidade, dentre esse sistema encontram-se duas unidades públicas e estatais de abrangência municipal ou regional o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), o primeiro se dedica a uma proteção e prevenção, o segundo é dedicado a pessoas em situação de vulnerabilidade,

dentre o qual dispõe, obrigatoriamente, o Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI).

Como proposta faz-se necessário um trabalho que abranja o sentido da vida e da morte com essas crianças, fazendo-as entender esses processos para que então possam dar valor a vida e assim superar as adversidades impostas de uma saudável e autêntica. Além da psicoterapia individual e familiar voltada para o encontro de sentido, também seria interessante um trabalho grupal onde as crianças possam compartilhar suas experiências e se deter ao aspecto saudável, então os valores criativos poderiam estar diretamente ligados, através de músicas, pinturas, histórias, dança, enfim quaisquer formas de expressão que a fizer se sentir mais à vontade e com o propósito de dizer sim para a vida.

Entende-se que o trabalho grupal pode deixá-las mais confortáveis para a expressão enquanto crianças fazendo emergir a expressão autêntica de sua pessoa. Por isso que a relação grupal seria facilitadora, pois o contato com outras crianças poderia despertar valores nelas que antes não haviam sido percebidos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o exposto pode-se ver como é escassa a literatura referente a essa área temática, o suicídio voltado para o público infantil, por isso a escassez de autores apresentados, mas que demonstram o quão importante é entender o motivo dessa escassez e como isso pode afetar a sociedade.

O suicídio de uma criança é visto como algo inimaginável, mas que a partir das pesquisas é existente e se faz necessário trabalhar a forma como a criança entende a morte, pois esta visão afeta diretamente o entendimento da criança com relação a sua própria vida. Crianças em situações limites podem agir da forma que lhe parece mais acertada e que nem sempre é o ideal, por isso faz-se necessário entender para trabalhar possíveis atitudes inautênticas.

A inautenticidade vem sendo apresentada a partir do momento que entende a criança como vulnerável de determinantes como os pais, escola, sociedade, esta vive a mercê dos outros e isso já pode ser considerada uma atitude inautêntica se não bem trabalhado a sua tomada de consciência podendo ocasionar situações limites



O suicídio na infância é entendido como uma forma de enfrentamento da mesma, ainda que errônea, é o meio que ela encontra de se livrar das situações que lhe está sendo imposta e que ela não está dando conta.

Percebe-se, portanto, a importância de estudos empíricos na área, para que com dados atuais possamos entender o que pode levar as crianças a questionarem suas vidas e a tirá-las. Qual a sociedade que está sendo formado para que leve uma criança a cometer suicídio? Fica o questionamento.

Por fim faz-se importante o trabalho com as crianças, deixá-las vivenciarem a infância da melhor forma possível, mas também auxiliá-las no processo de tomada de consciência para poderem se posicionar de forma autêntica diante de situações limites possa vir a surgir em suas vidas, para tanto se faz necessário o apoio da família ou do Estado, quando a família é o fator estressante, para que a mesma se desenvolva da melhor forma possível.

## THE INAUTHENTICITY AS RISK FACTOR TO SUICIDE IN CHILDHOOD

### **ABSTRACT**

The death is a thematic of difficult comprehension, being considered a taboo in the today society, causing fear and anxiety. In the child context, by being a vulnerable person, the child will understand the death by fantasies, because it gets its vision according the other's perception. Because it has more determinants, the child gets more vulnerable to be an inauthentic person and in limit situations it can use suicide as an wrong facing strategy. This attitude is understood as an inauthentic expression in matters of person and its noetic dimension. Hence, this study is about an bibliographic propositional search which had as goal to reflect and to discuss an interventional proposal to the suicide in the childhood having the inauthenticity as risk factor to do this act. In the end, it was perceived that the inauthenticity can, by determinants, bring the child to suicide as a erroneous way of coping with the situation which is perceived, for them, as limit, not knowing how to deal and then acting in inauthentic way with itself. By these considerations its is evident the need of psychological work to these children which are in situation of social vulnerability with the goal of to prevent the suicide.

**Keywords:** Suicide; Childhood; Noetic dimension; Inauthenticity

## REFERÊNCIAS

ANGERAMI, V. A. (Org.). **O atendimento infantil na ótica fenomenológico-existencial**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

AQUINO, T. A. A. (Org.). **Logoterapia & Educação: fundamentos e práticas**. São Paulo, Paulos, 2010.

AQUINO, T. A. A. **Sentido da vida e valores no contexto da educação**: uma proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulinas, 2015.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 7. ed. Copyright: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2012.

CALDAS, M. F. A. **A universidade como agente transformadora da concepção infância**: Práxis e desenvolvimento da educação infantil no Brasil e a realidade do município de Guaratuba – PR. UFPR, Matinhos – PR, 2015.

FENSTERSEITER, L; WERLANG, B.S.G. **Suicídio na Infância**: Será a Perda da Inocência? *Psicologia Argumento*, 21(35): 39 – 46, Out. 2003.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 16. ed. rev. São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2015.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia para todos**: Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Tradução Antônio Estêvão Allgayer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

FRANKL, V. E. **Um Sentido Para A Vida**: Psicoterapia E Humanismo. São Paulo (SP): Ed. Ideias & Letras, 2005.

HOHENDORFF, Jean Von; Melo, Wilson Vieira de. Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. **Estud Pesqui Psicol** 2009; 9 (2): 480-492.

KASTENBAUM, R & AISENBERG, R (1983). **Psicologia da Morte**. São Paulo: Pioneira.

KOVÁCS, M. J. et al. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2002.

KUCZYNSKI, E. **Suicídio na infância e adolescência**. São Paulo: Psicologia USP, vol. 25, nº 3, p 246-252, 2014.

LINS, S. L. B e col. **A compreensão da infância como construção sócio-histórica**. Ver. CES Psicologia, vol. 7, nº 2, p. 126-137, 2014.

ORTIZ, E. M. **El diálogo socrático en la terapia centrada en el sentido**. 2. ed. Bogotá: Ed. SAPS, 2012.

ORTIZ, E. M. **Los modos e ser inauténticos**: Psicoterapia centrada en el sentido de los trastornos de la personalidad. Colombia, Bogotá: Manual Moderno, 2011.

PETER, R. **Viktor Frankl: a antropologia como terapia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SÁNCHEZ, C. M. Orientando a la infancia hacia el sentido: Una mirada desde la logoterapia de Viktor Frankl. Editorial Faros de Sentido. Bogotá, Colômbia, 2014.

SENGIK, A. S., RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. Rev. Psicologia & Sociedade. Caixias do Sul, 25 (2), 379-387, 2013.

SIERRA, V. M.; MESQUITA, V. M. Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. São Paulo: Perspectivas, v. 20, n. 1, p. 148-155, 2006.

VENDRUSCOLO, Juliana. Visão da Criança sobre a Morte. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 26-33, mar. 2005. ISSN 2176-7262.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2011.